

O ARTESANATO ENQUANTO TRABALHO NA PERSPECTIVA DO FEMINISMO

Márcia Alves da **Silva** – UFPel

Agência Financiadora: CNPq (de 2012 a 2013) e PROEXT (2014)

Resumo

Este trabalho desenvolve algumas reflexões que se referem a um conjunto de experiências investigativas que a autora vem desenvolvendo desde 2006 com mulheres e que tem como objetivo investigar o processo de construção das identidades de gênero a partir do resgate de memórias das participantes, tendo o artesanato como uma ferramenta metodológica. Ao longo desse período, tem-se trabalhado com diversos públicos femininos, desde mulheres organizadas em cooperativas de produção e comercialização de artesanato, mulheres agricultoras, catadoras, professoras, até acadêmicas de cursos de licenciatura, na intenção de incorporar essa discussão aos processos de formação docente. Basicamente levantou-se as seguintes questões investigativas: a artesanato pode ser uma ferramenta para um processo de emancipação feminina no que se refere ao mundo do trabalho? Dessa forma, a proposta se coloca na tentativa de trazer uma contribuição a esse debate, problematizando o mundo do trabalho feminino a partir da implementação de oficinas de artesanato. Esses espaços são construídos intencionalmente e se constituem em um campo de pesquisa.

Palavras-chave: Mulheres; Gênero; Artesanato; Trabalho Feminino.

O ARTESANATO ENQUANTO TRABALHO NA PERSPECTIVA DO FEMINISMO

Introdução

Este trabalho refere-se a um conjunto de experiências investigativas que a autora vem desenvolvendo desde 2006 com mulheres e que tem como objetivo investigar o

processo de construção das identidades de gênero a partir do resgate de memórias das participantes, tendo o artesanato como uma ferramenta metodológica.

Ao longo desse período, tem-se trabalhado com diversos públicos femininos, desde grupos de mulheres organizadas em cooperativas de produção e comercialização de artesanato, mulheres agricultoras, catadoras, professoras, até acadêmicas de cursos de licenciatura, na intenção de incorporar essa discussão aos processos de formação docente. Basicamente levantam-se as seguintes questões investigativas: o artesanato pode ser uma ferramenta para um processo de emancipação feminina no que se refere ao mundo do trabalho? Dessa forma, a proposta se coloca na tentativa de trazer uma contribuição a esse debate, problematizando o mundo do trabalho feminino a partir da implementação de oficinas de artesanato. Esses espaços são construídos intencionalmente e se constituem em um campo de pesquisa.

A proposta é interdisciplinar e se ancora, especialmente, na teoria feminista e nos estudos da área de educação e trabalho onde o artesanato é visto aqui como uma importante ferramenta para a abordagem do universo feminino, onde as oficinas se materializam como espaços de construção coletiva e de trocas de experiências de vida onde, aos poucos, a intenção é que as mulheres envolvidas valorizem o que fazem, reconheçam o artesanato como trabalho e não como algo 'menor' e que, para os grupos mais vulneráveis, também se materialize como uma possibilidade de geração de renda.

Situamos como origem dessa caminhada a pesquisa realizada pela autora durante a realização do curso de Doutorado em Educação na UNISINOS, pesquisa realizada com mulheres artesãs vinculadas a uma cooperativa de produção artesanal. Pesquisa esta que começou em 2006 sendo defendida em março de 2010. A pesquisa foi publicada por editora universitária mais adiante, em 2012.

A partir de 2011, após a realização do curso de Doutorado e retomando as atividades de docente na Universidade de origem, a autora começa a desenvolver a pesquisa denominada *Artesã e Professora: aproximações entre trabalho feminino e docência*, onde se começa a realizar as oficinas de artesanato, a princípio nos espaços da própria instituição. Entre os anos de 2012 e 2013, essa pesquisa obteve financiamento do CNPq, a partir da aprovação do mesmo no Edital Universal. Dessa forma, com subsídios, foi possível comprarmos materiais para as oficinas, além de equipamentos, como máquina de

costura, overloque, etc. Neste período a pesquisa vai crescendo, tanto no que se refere à produção acadêmica como no aumento do público interessado em participar.

A iniciativa também articula a pesquisa com a extensão, pois se constitui espaços onde as oficinas de artesanato acontecem. Dessa forma, nasce a proposta de Programa de Extensão denominado *Gênero, educação e arte: artesanaria, arte popular e formação em oficinas de criação coletiva*, que foi contemplada no Edital Proext¹, tendo financiamento durante o ano de 2014. Neste período foi possível a contratação de 18 bolsistas, que atuaram em oficinas de artesanato com diversos grupos de mulheres, no qual algumas experiências serão abordadas neste texto. Também foi possível a aquisição de diversos materiais para a execução das oficinas de artesanato.

Histórias de vida: as experiências auto(biográficas) como proposta metodológica

A pesquisa em Educação vem ampliando suas referências metodológicas a partir de estudos baseados em histórias de vida escritas, em grande parte, com base em depoimentos com pessoas pesquisadas. A autobiografia como proposta metodológica de pesquisa é de grande importância para o campo educacional. E ao aproximar autobiografia e estudos feministas constatamos o longo caminho que as mulheres ainda têm a percorrer para sistematizar suas experiências de vida, de trabalho e de aprendizagem.

As histórias de vida são importantes em nossa proposta por visibilizar as trajetórias das mulheres envolvidas. São nessas histórias que se encontram as raízes dos seus fazeres e de suas aprendizagens, tanto no artesanato como no que se refere aos papéis sociais de gênero que incorporam em seus cotidianos.

Trazemos aqui a importância metodológica da obra de Franco Ferrarotti (2014), que há várias décadas faz a defesa das histórias de vida no campo das ciências sociais. Apenas em 2014 sua obra *História e Histórias de Vida* foi traduzida para nossa língua.

¹ O Edital Proext é o resultado de uma parceria do Ministério da Educação do país com mais treze outros ministérios e quatro Secretarias do governo federal, com o objetivo de apoiar iniciativas de extensão acadêmicas. Atualmente é o maior financiador de projetos e programas de extensão do país, com um montante de recursos aplicados na extensão brasileira como nunca vistos. Uma das exigências do Edital é que seja feita a devida articulação da extensão com a pesquisa acadêmica.

Quando Ferrarotti critica a história tradicional, ele defende uma *historicidade não historicista*, que significa uma ruptura com a concepção conservadora de história enquanto uma sucessão temporal de acontecimentos, segundo o autor

[...] orientada para a suposta verdade de um sentido geral, monopolizado pelas elites, depositárias exclusivas de valor. A história de vida não se apresenta mais como um conjunto de elementos para ilustrar o que já é conhecido, nem como um acréscimo facultativo, sob forma qualitativa, de resultados incontestes de pesquisa, alcançados por meio de técnicas de padronização da medida exata. (FERRAROTTI, 2014, p. 51).

Defende o que denominou de *história vista de baixo*, como sendo a

[...] história da cotidianidade, inventário e interpretação das práticas de vida e das tradições, não revividas como puro folclore popular, mas repensadas de maneira crítica como visões psicologicamente tranquilizadoras e, ao mesmo tempo, como constelações de valores cognitivos interligados e confirmados pela experiência da vida de cada dia. (FERRAROTTI, 2014, p.56).

A partir da valorização do cotidiano das pessoas, e na iniciativa de trazer essas experiências concretas para a prática da pesquisa acadêmica, o autor levanta outro questionamento: De que maneira a subjetividade inerente à autobiografia pode tornar-se um conhecimento científico? (p.70). Ferrarotti encara esse desafio epistemológico afirmando que cada narrativa relata uma prática humana, mas como admite que “a essência do homem é o conjunto das relações sociais” (usa Marx na 6ª Tese sobre Feuerbach), chega a conclusão de que qualquer prática humana é representativa de todo o contexto social, pois

Uma vida é uma prática que se apropria das relações sociais (as estruturas sociais), as interioriza e as reconverte em estruturas psicológicas através de sua atividade de desestruturação-reestruturação. Cada vida humana revela-se, mesmo em seus aspectos mais generalizáveis, como a síntese vertical de uma história social. Cada comportamento, cada ato individual aparece, em suas formas mais singulares, como a síntese horizontal de uma estrutura social. (FERRAROTTI, 2014, p.70)

Dessa forma, assume o embate com as concepções quantitativas de pesquisa, que se alicerçaram historicamente nas concepções naturalista e biologicistas de ciência. Nessa

perspectiva desenvolveu o conceito de *dialética do social*, que consiste na relação complexa entre as condições objetivas e as experiências vividas, pois o contexto estrutural e as condições objetivas não podem ser vistos de forma isolada do contexto vivido. (FERRAROTTI, 2014, p.61).

As histórias de vida são trazidas à tona através das narrativas, que se constituem em experiências vividas. Sobre as experiências, trago a contribuição da obra de Larrosa (2014), que é brilhante no que se refere às reflexões que suscita sobre as experiências das pessoas, algo que a academia historicamente apartou. Larrosa propõe se pensar a educação a partir da *experiência*. Para isso ele procura caracterizar o que constrói o que denominamos de *experiência*. O autor começa caracterizando experiência como sendo “*o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. [...] Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara*” (LARROSA, 2014, p.18). Dessa forma, para se chegar ao conceito, Larrosa procura não caracterizar o que a experiência é, mas sim o que ela não é. Para isso, ele desenvolve alguns aspectos, que são: primeiramente o excesso de informação, e a informação não é experiência. Inclusive Larrosa faz o alerta da importância de se separar informação de experiência.

O segundo aspecto nos alerta para o excesso de opinião, o que não nos aproxima das experiências, pois o sujeito da modernidade se coloca numa imposição de ter que ter uma opinião. Dessa forma, além de se somar informação também se opina sobre as coisas, o que também não caracteriza a experiência.

Em terceiro lugar, a verdadeira experiência se torna rara devido à falta de tempo pois, cada vez mais, os acontecimentos ocorrem de forma muito rápida, o que impede as pessoas de realmente viverem as experiências, pois

[...] a velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre os acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio. (LARROSA, 2014, p.22)

Em quarto lugar, Larrosa nos alerta para que não se confunda experiência com trabalho, pois a modernidade separou teoria de prática, e a experiência tem sido relacionada à prática do trabalho.

Assim, o autor caracteriza um saber que, segundo ele, se distingue dos saberes científicos e de informação, mas que ele defende como sendo de fundamental importância sua incorporação no mundo acadêmico, que trata-se do saber da experiência. Para ele “*o saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana*” (LARROSA, 2014, p. 30).

Dessa forma, o saber da experiência não é algo externo a nós, mas algo que está intrínseco às nossas singularidades de estarmos no mundo. Assim, mesmo que os acontecimentos sejam comuns a muitas pessoas, as experiências são singulares a cada um.

Nessa perspectiva, percebemos o biográfico “*como uma categoria da experiência que permite ao indivíduo, nas condições de sua inscrição sócio-histórica, integrar, estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos vividos*” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.26). No entanto, assim como Ferrarotti (2014), a autora nos alerta que essas experiências humanas não são, de forma alguma, experiências individuais e espontâneas, pois elas “*trazem a marca de sua inscrição histórica e cultural e têm origem nos modelos de figuração narrativa e nas formas de relação do indivíduo consigo mesmo e com a coletividade, elaborados pelas sociedades nas quais se inscrevem*” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.27).

No prefácio à edição em língua portuguesa do livro de Ferrarotti (2014), escrito por Delory-Momberger, ela alerta que:

Ao considerar que cada ser humano como ‘a síntese individualizada e ativa de uma sociedade’, como ‘a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia’; ao definir cada narrativa biográfica como ‘um ato, a totalização sintética de experiências vividas e de uma interação social’, Franco Ferrarotti afirma a possibilidade de ‘conhecer o social a partir da especificidade irredutível de uma práxis individual’, de ‘ler uma sociedade por meio de uma biografia’. (DELORY-MOMBERGER apud FERRAROTTI, 2014, p.21)

Delory-Momberger (2008), em uma de suas obras, denomina a metodologia de pesquisa-formação que desenvolve como *ateliê biográfico de projeto*. Adaptando essa ideia para nossa experiência de projeto desenvolvemos o conceito de *ateliê biográfico de artesanaria*, nos referindo aos momentos coletivos de produção artesanal.

Os *ateliês biográficos de artesanaria* dizem respeito às produções artesanais materializadas em oficinas que possibilitam a troca de experiências no que se refere às aprendizagens em artesanato, possibilitando, dessa forma, momentos de trocas de vivências entre os dois grupos participantes. Essa iniciativa surge com a intenção de valorizar e assumir a incorporação dessas atividades produtivas na constituição das identidades femininas em questão. Incorpora-se na perspectiva de valorização das experiências concretas de trabalho das mulheres. Dessa forma, percebemos os “ateliês biográficos de artesanaria” como a materialização de um espaço que permita aos seus integrantes explorar e criar, através do processo de formação, constituindo a “invenção de si” num projeto formador de suas vidas. Essa construção é parte constituinte das biografias, concretizando outra ferramenta, além da oralidade e da escrita, para resgatar as histórias de vida.

Gênero, trabalho e artesanato

Os estudos de gênero têm buscado resgatar o trabalho das mulheres, incorporando aspectos relativos às suas identidades que, historicamente, foram apartados do mundo acadêmico. Percebemos o artesanato, enquanto trabalho manual, nessa perspectiva. Portanto, o trabalho artesanal compõe as trajetórias de vidas, do universo das mulheres, pois se trata de um conhecimento apreendido ao longo da vida dessas pessoas.

O uso de narrativas nas pesquisas em educação tem permitido uma aproximação com essas trajetórias vividas, mas geralmente com o uso de palavras, tanto faladas como escritas. Mesmo assim, muitas vezes, o que pensam e sentem fica obscurecido na academia, já que a palavra nem sempre consegue captar uma diversidade de elementos, tanto estéticos como éticos. Enfim, aspectos como a imaginação, a criatividade, a subjetividade e a afetividade podem não ser tão visíveis aos pesquisadores que utilizam a palavra como única ferramenta investigativa.

Dessa forma podemos nos perguntar: Até que ponto a academia incorpora as mulheres que estão fora dos seus limites, mas que estão no mundo produzindo conhecimento e experiência? Nesse sentido, os estudos feministas tem contribuído na insistência de lutar para que a subjetividade seja incluída nas pesquisas acadêmicas em geral.

Penso que abordar a temática do trabalho feminino remete à necessidade de definirmos a concepção de trabalho a qual defendemos. Isso se deve ao fato de que as concepções tradicionais sobre trabalho formal e/ou mercado de trabalho não dão conta de uma diversidade de atividades historicamente exercidas por mulheres e que, muitas vezes, ‘escapam’ das estatísticas oficiais. Dessa forma, há a necessidade de ressignificarmos esse conceito, incorporando e nos apropriando de elementos advindos de uma produção específica com esse intuito, especialmente oriundos da teoria feminista. Trata-se de um campo de estudos que está longe de esgotar sua produção, mas que aponta vários caminhos promissores.

Podemos afirmar que as mulheres sempre trabalharam, embora seu trabalho tenha sido desvalorizado pelo capitalismo, que passa a valorizar as atividades que geram mais-valia e que são executadas em espaços públicos, menosprezando-se o espaço doméstico. O conceito de divisão sexual do trabalho abarca as atividades exercidas historicamente por mulheres e, além disso, reconhece que a divisão social do trabalho é marcada pelas diferenças de gênero, pois “o contexto em que vivem homens e mulheres não é o resultado de um ‘destino’ biológico, mas sim de construções sociais” (SILVA, 2011, p. 115).

O conceito de divisão sexual do trabalho localizado na lógica da teoria feminista tem sido um importante suporte teórico que possibilita problematizar e teorizar sobre a relação entre gênero e trabalho. Para isso, é fundamental perceber que o contexto em que vivem homens e mulheres não é o resultado de um destino biológico, como historicamente tentou-se supor, mas sim oriundo de construções sociais. Portanto, homens e mulheres formam dois grupos sociais que estão engajados em uma relação social específica, que se concretiza nas relações sociais de sexo. Estas relações possuem uma base material, que é o trabalho, e que se revela através da divisão social do trabalho entre os sexos, comumente denominada de divisão sexual do trabalho.

Portanto, o conceito de divisão sexual do trabalho é central na abordagem do trabalho feminino. Sobre a origem desse conceito, Danièle Kergoat (2003) salienta que essa noção foi primeiro utilizada por etnólogos para designar uma divisão “complementar” das tarefas entre os homens e as mulheres nas sociedades que eles estudavam. Refere-se a Lévi-Strauss como sendo um expoente dessa ideia e que fez dela o instrumento explicativo da estruturação da sociedade em família. No entanto, a autora afirma que foram as

antropólogas feministas, as primeiras que lhe deram um conteúdo novo, demonstrando que ela traduzia não uma complementaridade de tarefas, mas uma relação de *poder* dos homens *sobre* as mulheres.

A compreensão de que homens e mulheres pertencentes as mais diversas sociedades se dediquem a diferentes atividades tem sido compreendido como inerente à diferenciação sexual. Essa compreensão tem sido relacionada com especificidades físicas, intelectuais, emocionais, de acordo com cada sexo. É, portanto, dessa maneira que as ideologias sexistas têm compreendido a relação sexo e trabalho. A homologação das atividades exercidas pelas mulheres como naturais leva a definir a essência de qualquer trabalho feminino como sexual, biológico, portanto não social. Essa concepção a-histórica e naturalista tem anulado uma diversidade de trabalhos exercidos pelas mulheres.

A pesquisadora Cristina Carrasco (2003) afirma que o tempo de trabalho tem se constituído na contemporaneidade como uma nova categoria a ser estudada e analisada. Para ela, isso se deve a dois fatores, que são a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho (pois isso traz à tona a tensão entre os tempos de cuidados e as exigências do trabalho mercantil) e, ainda, a flexibilização do tempo de trabalho imposto pelas empresas (que exige cada vez mais mobilidade e disponibilidade dos(as) trabalhadores(as)).

Dessa forma, Carrasco (2003) usa o tempo como categoria de análise importante para se refletir sobre o trabalho feminino e defende o que denomina de *paradigma da sustentabilidade da vida*, abordando diversos tempos e trabalhos femininos numa perspectiva histórica. Enquanto existia o tipo tradicional de família aliado com o modelo fordista de produção, onde os trabalhos de mulheres e homens apareciam como paralelos e independentes, os trabalhos das mulheres ficavam invisíveis. Mas, quando as mulheres passaram a realizar os dois trabalhos (produtivos e reprodutivos) e a viver a enorme tensão da superposição dos tempos, o conflito de interesses entre os diferentes trabalhos se tornou visível.

Carrasco (2003) propõe a hipótese de que os processos de reprodução e vida tem sido resolvidos sempre, fundamentalmente, a partir dos espaços domésticos privados dos lares. Pelo menos até que a casa medieval – que se constituía em centro de produção, consumo e vida – deixa de ser autosuficiente e começa a produção para o mercado. No

entanto, mesmo com os processos de reprodução da vida humana sendo cada vez mais invisíveis em prol da industrialização e do capitalismo, não se alterou a função básica dos lares como centros de gestão, organização e cuidado da vida.

As necessidades humanas possuem duas dimensões, uma objetiva, vinculada mais às necessidades biológicas e outra subjetiva, que inclui afetos, cuidados, a segurança psicológica, a criação de relações e laços humanos, etc. Nos espaços públicos, onde se dão as relações de troca comerciais, é mais fácil separar essas duas dimensões. No entanto, no espaço doméstico é muito mais complicado separar os aspectos afetivo-relacionais da atividade em si, exatamente porque toda a produção está diretamente relacionada com os fatores pessoais. Resumindo: o trabalho destinado às pessoas do lar possui um contexto social e emocional diferente do trabalho remunerado.

Dessa forma, a tensão vivida pelas mulheres na contemporaneidade é um reflexo de uma contradição muito mais profunda: uma contradição que existe entre o capitalismo e o bem estar humano, entre o objetivo do lucro e o objetivo do cuidado da vida. Entre a sustentabilidade da vida e o benefício econômico, nossas sociedades patriarcais tem constantemente optado pelo segundo.

Durante boa parte da história da humanidade, desde a pré-história – quando os seres humanos criaram seus primeiros instrumentos de pedra – passando por todas as sociedades da antiguidade e pela idade média até o século XVIII, a produção artesanal manual dominava o mundo produtivo. Isso significa que os próprios indivíduos, organizados coletivamente a partir das estruturas familiares, organizavam-se num processo de produção de mercadorias de forma artesanal, onde o trabalho manual estava conectado com o trabalho intelectual, pois não se pensava na separação entre o fazer e o pensar. Desse modo, a categoria trabalho era articulada com diversos saberes, que agregavam os conhecimentos necessários para a vida em sociedade. A figura do mestre artesão da Idade Média bem vislumbra a figura do pensador da época, que agregava diversos saberes do mundo do trabalho, mas também do mundo da vida em geral. O sociólogo americano Richard Sennet, que possui vasta experiência de pesquisa no mundo do trabalho, realizando investigações em várias partes do mundo com trabalhadores e trabalhadoras de várias profissões, resgata os saberes e a importância do trabalho manual da idade média no livro *O artífice* (2012). Para ele, o avanço surpreendente da ciência e da tecnologia, com todas as consequências

que ela traz consigo, tem levado a humanidade a um processo de diminuição de sua capacidade criativa e inventiva, passando a um crescimento da alienação.

O modo de produção capitalista, implementado fortemente via Revolução Industrial, suplantou o trabalho manual, valorizando a produção em massa propiciada pelo maquinário. Dessa forma, não apenas o trabalho mudou, mas toda a sociedade se transformou a partir da implementação do capitalismo e da acumulação. Essa mudança criou uma ruptura entre criação e produção, entre pensar e executar, entre teoria e prática, ou seja, os mestres artesãos eram criadores do que eles mesmos produziam, já os operários das fábricas foram estimulados a simplesmente executar.

No que se refere à articulação entre o trabalho artesanal e o feminismo, se olharmos com mais atenção a história das famílias no Brasil, veremos que a socialização feminina passava pelo rigor e pela disciplina do aprendizado de ‘trabalhos manuais’, materializados enquanto técnicas como bordado, crochê, tricô, costura e outras, realizados nos espaços domésticos e muitas vezes atrelados ao exercício da maternidade, como tarefas para “ocupar as mulheres”. Esse processo de aprendizagem se dava muitas vezes na própria escola ou em outros espaços institucionalizados, como em igrejas, por exemplo. Em vista desses exemplos históricos, muitas mulheres na contemporaneidade passaram a rejeitar esses aprendizados em prol da luta por um processo de emancipação feminina.

Portanto, pensamos que a grande questão que se coloca em nossa investigação é a seguinte: a atividade artesanal pode auxiliar num processo que vise à emancipação e a autonomia feminina? Ou, ao contrário, é uma ferramenta utilizada pela sociedade patriarcal que visa à alienação da mulher, utilizada para mantê-la fora dos espaços produtivos formais e também dos espaços públicos em geral, mantendo-a confinada nos espaços domésticos?

Os estudos de gênero já vêm descortinando a instituição escolar, no que se refere às formas que a instituição adota para reproduzir e construir as desigualdades de gênero². Portanto, já sabemos o quanto a escola é importante na manutenção da estrutura patriarcal de sociedade. Segundo Louro,

² Aqui temos diversas pesquisadoras importantes na perspectiva de descortinar a instituição escolar na construção dos papéis sociais de gênero. Apenas para exemplificar, saliento a obra de Guacira Lopes Louro (1997a, 1997b, 2000) e Marília Pinto de Carvalho (2001, 2003), entre outras.

[...] os mais antigos manuais já ensinavam aos mestres os cuidados que deveriam ter com os corpos e almas de seus alunos. O modo de sentar e andar, as formas de colocar cadernos e canetas, pés e mãos acabariam por produzir um corpo escolarizado, distinguindo o menino ou a menina que "passara pelos bancos escolares" (LOURO, 1997a, p.61).

No que se refere à profissão docente, os(as) historiadores(as) da história da educação tem demonstrado o quanto essa profissão tem sido marcada pela identidade feminina. Até há pouco tempo, sabia-se que as mulheres constituíam a imensa maioria das profissionais da educação atuando nos anos iniciais. Com o passar do tempo essa realidade tem se ampliado para os demais anos do ensino fundamental, a ponto de também se constituírem em maioria no ensino médio e os índices estão aumentando consideravelmente também no ensino superior.

Essa realidade tem sido objeto também da caminhada realizada nesta experiência com mulheres e que tem no artesanato uma ferramenta metodológica. Importante dizer que as discentes de licenciaturas da Universidade desde o início da proposta fizeram parte de um grupo incorporado tanto na investigação como na extensão e no ensino. Isso se deve ao fato do interesse em identificar proximidades entre gênero e docência, onde o artesanato produzido pelas discentes de licenciatura tem visibilizado suas trajetórias como mulheres e docentes em formação.

Um pouco do que foi feito até aqui

Como a profissão docente tem se constituído, cada vez mais, em uma profissão majoritariamente feminina, um dos principais alvos da proposta são as acadêmicas de cursos de licenciatura da Universidade. Em função de outras investigações que temos encaminhado com esse grupo, temos percebido que há uma aproximação grande entre acadêmicas e o fazer artesanal. Muitas alunas têm envolvimento e experiências em artesanato. Por isso, usamos o artesanato como uma forma de discutir gênero e identidades femininas também na formação docente. Inclusive a autora ministra disciplinas que discutem a temática, tanto em cursos de licenciaturas da Universidade como na pós-graduação, orientando pesquisas nessa temática.

As oficinas se formam com o intuito de, além de possibilitar a aprendizagem em artesanato, abordar a temática de gênero entre as participantes e coletar dados para a pesquisa, na forma de narrativas orais e também artesanais, pois as participantes sempre são provocadas a contarem suas histórias na produção que realizam. Diversas oficinas têm sido realizadas. Citamos algumas técnicas: crochê, flores artificiais, fuxicos, bijuterias, papel machê, materiais reciclados (garrafas pet, papel, caixas de leite, etc.), tecelagem.

O processo de aprendizagem se constitui numa troca constante de saberes, pois não há a figura de uma professora e/ouicineira. As próprias participantes se organizam para elaborarem o cronograma e qual a participante vai encaminhar a atividade de cada oficina.

Nas imagens apresentada a seguir mostram oficinas realizadas no espaço da Universidade. São oficinas de flores de EVA e artigos de Natal, respectivamente.



Figura 1: Oficina de arte e criação coletiva com discentes do curso de pedagogia da UFPel (Acervo do Programa). Abril de 2014.

O grupo formado pelas discentes apresentam suas particularidades, pois neste grupo buscamos aproximar a discussão de gênero com a constituição da profissão docente nas alunas.

As discentes participantes tem sido, na sua maioria, discentes do curso de Pedagogia. Isso se explica pelo fato de que as oficinas são realizadas na Faculdade de Educação da Universidade e o projeto é coordenado por docente desta Faculdade e este Curso, o que as aproximam mais da proposta.



Figura 2: Oficina de arte e criação coletiva com discentes do Curso de Pedagogia da UFPel (Acervo do Programa). Dez. 2013.

As narrativas das discentes, que visibilizam suas trajetórias de vida e de escolha profissional, destacam a proximidade da profissão com suas identidades de gênero. Várias afirmaram nos depoimentos que um dos motivos pela escolha da profissão é o fato de terem uma boa relação e afeição por crianças. Aqui aspectos vinculados ao trabalho com infância são trazidos nos argumentos. Importante dizer que várias discentes em seus depoimentos afirmaram que vários docentes do curso afirmam abertamente que para se formar em Pedagogia é necessário ‘gostar de crianças’. Pensamos que essa afirmação possa ser inadequada, no sentido de que restringe a atuação profissional à sala de aula dos anos iniciais, desconsiderando outras tantas possibilidades que o(a) pedagogo(a) pode atuar, como na gestão educacional e/ou com Educação de Jovens e Adultos (EJA), por exemplo. Dessa forma, pode-se estar reforçando os papéis tradicionais de docentes de anos iniciais, onde as mulheres são imensa maioria, pois se aproxima a infância das mulheres, aliando-se indiretamente aspectos biológicos, como a maternidade por exemplo, como justificativa para o ingresso na profissão.

As imagens a seguir apresentam momentos de encontros com mulheres agricultoras assentadas pertencentes ao Movimento Sem Terra (MST) no interior do Estado do Rio Grande do Sul. Este grupo já apresenta outras particularidades, pois se refere a mulheres que vivem em regiões rurais que atuam na agricultura e possuem escolaridade inferior a do grupo de acadêmicas.



Figura 3: Mulheres agricultoras do MST participantes do Programa de Extensão Gênero, Arte e Educação (Acervo do Programa. Abril de 2014).



Figura 4: Oficina de artesanato com mulheres assentadas do MST no interior do município de Pinheiro Machado, estado do Rio Grande do Sul, Brasil. (Acervo do Programa, abril. 2014)

No entanto, são mulheres que atuam em um movimento social organizado, o que lhes dá uma formação política mais elaborada, em vários aspectos menos alienada que o grupo de discentes, já que as agricultoras possuem uma formação que se dá por dentro do próprio movimento, não se tratando de uma formação no espaço escolar, mas no espaço da própria luta política pela reforma agrária.

No atual momento, percebemos que as oficinas de artesanato tem se constituído em um espaço importante para se pensar suas histórias de gênero, pois nesses momentos elas estão sozinhas, possuem certa privacidade e liberdade para dividirem suas experiências sem interferências de outras figuras, como lideranças do movimento ou seus parceiros e demais familiares. Esses momentos têm trazido à tona muitos questionamentos sobre os papéis de gênero que reproduzem, a ponto delas estarem se organizando independentemente da participação de nossa equipe.

Além disso, elas estão se “descobrando” como artistas, mulheres que possuem criatividade e saberes que elas nem sabiam que tinham, pois em suas narrativas fica clara a surpresa na produção do artesanato, pois elas não se achavam ‘com capacidade’ para produzirem o que estão fazendo.



Figura 5: Oficina de artesanato com mulheres assentadas do MST no interior do município de Pinheiro Machado, estado do Rio Grande do Sul, Brasil. (Acervo do Programa). 2014.

As oficinas em escolas da rede de ensino também são prioridade de nossa proposta, tanto de investigação como de extensão. As imagens a seguir apresentam

momentos de oficinas de artesanaria com docentes, alunos e alunas de EJA, onde confeccionaram luminárias de garrafas pet. Importante salientar que há uma preocupação em se utilizar reaproveitamento de materiais na produção do artesanato nas Oficinas.



Figura 6: Oficina de arte e criação coletiva com alunos e alunas de educação de jovens e adultos (EJA), da Escola Municipal de Ensino Fundamental Piratinino de Almeida, na cidade de Pelotas. (Acervo do Programa, ago.2014)

Também com as turmas de EJA a proposta foi construída coletivamente com o grupo, incluindo os(as) docentes e direção da escola, onde a construção da proposta se deu articulada ao projeto pedagógico da escola e aos conteúdos que estavam sendo ministrados pelas disciplinas com as turmas naquele período. Dessa forma, buscamos articular a extensão com o ensino.



Figura 7: Oficina de artesanato com alunos e alunas de educação de jovens e adultos (EJA) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Piratinino de Almeida, na cidade de Pelotas, estado do Rio Grande do Sul, Brasil (acervo do projeto). 2014

Tendo em vista a articulação da pesquisa e da extensão com o ensino, as imagens a seguir apresentam momentos de formação na disciplina da graduação em Pedagogia denominada *Discutindo Arte e Gênero em Oficinas de Criação Coletivas*³ onde, na figura 8 aparece uma aula sobre arte indígena e na figura 9 aparece as alunas reconstruindo suas histórias de gênero, a partir da produção artesanal de uma peça própria, que busca responder a seguinte provocação: quais situações mais marcantes para mim me fizeram perceber que mulheres são vistas de forma diferentes de homens?



Figura 8: Aula da disciplina *Discutindo Arte e Gênero em Oficinas de Criação Coletiva*, ministradas no primeiro semestre de 2014, no Curso de Pedagogia da UFPel (acervo da disciplina). 2014.

Partindo dessa questão norteadora, as alunas responderam a questão de várias formas, escrevendo suas histórias, narrando oralmente e criando uma peça artesanal que ‘conta’ o(s) episódio(s).

³ Trata-se de uma disciplina optativa do Curso de Pedagogia da UFPel. Outra disciplina optativa criada nessa perspectiva de estudo é denominada *Estudos de Gênero e Trabalho Feminino*.



Figura 9: Aula da disciplina *Discutindo Arte e Gênero em Oficinas de Criação Coletiva*, ministradas no primeiro semestre de 2014, no Curso de Pedagogia da UFPel (acervo da disciplina). 2014.

A investigação tem buscado estabelecer um diálogo profundo com o ensino, pois se admite a necessidade da pesquisa fortalecer os processos de ensino-aprendizagem, tanto na graduação como na pós-graduação. O Programa de Pós Graduação em Educação da UFPel possui a disciplina *Seminário Avançado Estudos de Gênero, Teoria Feminista e Educação*, que tem sido ministrada pela autora deste trabalho.

Considerações finais

As experiências individuais das mulheres participantes funcionam como pano de fundo para a análise de situações mais abrangentes de enfrentamento ou submissão à lógica, tanto do capital como do patriarcado. Isso não menospreza de forma alguma as experiências específicas das envolvidas nas atividades. Pelo contrário, as narrativas abordadas aqui materializam as experiências de inúmeras mulheres, extrapolando o espaço privado e visibilizando uma diversidade de situações que não são nada individuais nem privadas. Trata-se de um processo de ‘coletivizar’ as experiências femininas.

Sendo assim, a concepção educativa proposta é de uma educação que coloque a realidade das mulheres como conteúdo problematizador, que se dá em torno da relação das pessoas com o mundo, nunca o ser humano isolado desse mundo, mas em permanente

relação. É problematizando o mundo do trabalho, da produção artesanal, das vivências femininas, enfim, o mundo da cultura ocidental e do patriarcado, que podemos vislumbrar um futuro emancipador para as mulheres.

Deste modo, partindo dessa perspectiva e levando em consideração os resultados alcançados até agora, embora o projeto ainda esteja em fase de execução, podemos afirmar que as mulheres participantes estão tendo cada vez mais a certeza que o artesanato tem sido um fator primordial na vida delas, como cidadãs pensantes que estão descobrindo e se auto descobrindo a si mesmas como seres humanos capazes de produzir o que é belo, e essa garra que elas estão adquirindo a cada dia que passa está pouco a pouco deixando um legado muito importante que é o empoderamento dessas mulheres em um mundo que a cada dia e hora que passa sofre constantes modificações, seja na área urbana e rural, seja na educação, saúde ou economia.

Referências

- CARRASCO, Cristina. A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres? In: FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam (orgs.). **A produção do viver**. São Paulo: SOF, 2003.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CARVALHO, Marília Pinto de. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. In: **Estudos Feministas**, n.555 v.2, 2001.
- _____. Sucesso e fracasso escolar: uma questão de gênero. In: **Educação e Pesquisa**, vol.29, no.1, São Paulo, Jan./June 2003.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: Emílio, M. et al (orgs.). **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. p.55-63.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997a.

_____. Mulheres nas salas de aulas. In: PRIORE, Mary Del. (org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997b.

SENNETT, Richard. **O artífice**. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SILVA, Márcia Alves da. “Confeccionando” reflexões sobre o trabalho feminino artesanal. In: _____. (Org.). **Gênero, sexualidade, educação e conhecimento**. Pelotas: Editora da UFPel, 2011.